

SOCIABILIDADE E COOPERAÇÃO ENTRE OPERÁRIOS TÊXTEIS DA COVILHÃ (PORTUGAL): contributos das memórias e representações ao campo da cultura e da comunicação¹

Patrícia Carla Smith Galvão²
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
Joaquim Paulo Serra³
Universidade da Beira Interior (UBI, Portugal)

RESUMO

Diante da pouca visibilidade de elementos materiais e simbólicos que representam a condição operária num município do interior de Portugal autodesignado como “Cidade Fábrica”, o escrito apresenta resultados do projeto de Pós Doutorado intitulado “*A teia na tecidura dos dias*”: vivências, narrativas e representações de operários tecelões da Covilhã”, enfatizando, do conjunto das autonarrativas produzidas ao longo da pesquisa de inspiração etnográfica, com a colaboração de cinco operários narradores, a “categoria etnográfica” constituída pelo par “sociabilidade-cooperação”. As discussões e análises acerca desta categoria baseiam-se no referencial teórico desenvolvido por Simmel (1983) sobre a sociabilidade, e por Sennett (2012), sobre o estar junto e a cooperação. Na sequência, os estudos de Muniz Sodré (2014) sobre *o comum* aportam o referencial que situa as práticas verificadas nas autonarrativas nos campos da cultura e da comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: memórias e autonarrativas; representações sociais; operários têxteis; sociabilidade e cooperação; “o comum”.

INTRODUÇÃO

Covilhã e a região da Beira Interior, em Portugal, incluindo a Serra da Estrela, configuram-se como centro expressivo da indústria têxtil na Europa, e têm na constituição da sua cultura e memória social (Bosi,1994) traços desta atividade laboral e econômica. Ao longo do tempo, inclusive, é de chamar a atenção, naquele contexto, a questão do trabalho fabril enquanto *desígnio social* para os sujeitos pertencentes à classe desfavorecida economicamente (Cocchi, 2021). Mais recentemente, sob o slogan “Covilhã, Município a Tecer o futuro”, a atividade têxtil é trazida à atualidade, sendo referida à página oficial da municipalidade pelo tópico “Investir”, ou apresentada ao lado do setor de Turismo, que se inaugura como “atividade económica que cresceu

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos da Comunicação, evento integrante da programação do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 13 a 15 de junho de 2024

² Pós-doutoranda em Ciências da Comunicação, LabCom, Universidade da Beira Interior (Portugal). Doutora em Cultura e Sociedade - IHAC/UFBA, Analista Universitária da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e membro do Grupo de Pesquisa LOGOS - Comunicação Estratégica, Marca e Cultura (UFBA). E-mail: pgalvao@uneb.br

³ Doutor em Ciências da Comunicação e Professor Catedrático no Departamento de Comunicação e Artes da Universidade da Beira Interior (Portugal), onde também é investigador no LabCom – Comunicação e Artes. E-mail: pserra@ubi.pt

exponencialmente neste século XXI no município da Covilhã”⁴.

Por seu lado, a Cultura é mencionada exclusivamente na descrição dos Equipamentos culturais, sendo considerada “um trunfo vital para a **competitividade, para a atratividade** e para a conservação da identidade do território” (grifo nosso), mencionando ainda a designação à Covilhã de “Cidade Criativa da UNESCO”, em *Design*, e é também neste outro ambiente, que encontramos o único trecho contendo informação histórica acerca da cidade. Esta, associada a um determinado personagem e ao apogeu industrial da cidade, lida em seu passado exclusivamente pelas lentes de uma história econômica e dos grandes acontecimentos.

Se colocado o problema em termos da comunicação, há o agravante de que aquilo que é dito ocupa o lugar do que silencia. Tomando em conta o que se escolhe comunicar pela gestão municipal, caberia a pergunta, ainda no extensivo da comunicação pública (Habermas, 1997): o que compõe este silêncio? Desta forma, no sentido de visibilizar uma perspectiva que busca resgatar parte relevante da história vivida e contada – representada localmente pelos seus habitantes que partilham a condição operária (Bosi, 1996; Weil, 1996), apresentam-se aqui aspectos evidenciados através do projeto de Pós Doutorado intitulado “*A teia na tecidura dos dias*”: vivências, narrativas e representações de operários tecelões da Covilhã”, que coadunam com essa perspectiva comunitária.

A cidade fábrica e seus narradores: métodos e experiência no fazer da pesquisa

A pesquisa, de viés interdisciplinar, teve início nos primeiros meses de 2023, com o levantamento e sistematização de dados secundários, inclusive históricos, relativos à atividade têxtil no município de Covilhã e às propostas da gestão municipal. As atividades de campo, de inspiração etnográfica, para reconhecimento do território e experiência no lugar, contemplaram a identificação de unidades fabris, e de organizações ligadas ao trabalho industrial têxtil, associações e sindicatos, inclusive instituições de guarda e memória (museais). Concluída a fase de identificação, o corpus da pesquisa foi constituído a partir da abordagem e realização de entrevistas em profundidade com narradores, localizados inicialmente em dois ambientes: o Mercado Municipal da Covilhã e o Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior. Foram escolhidos 05 narradores, através de critérios que contemplassem certa pluralidade de perspectivas,

⁴ <https://www.cm-covilha.pt/>

entre operários aposentados ou em atividade; homens e mulheres, adultos e idosos, tempo variado na atividade.

Os gestos de aproximação e de cooperação (Sennett, 2012) necessária à produção conjunta das histórias de vida temáticas, e as ocasiões das entrevistas caracterizaram-se pela diversidade: das formas, duração, e locais de encontro, de acordo a disponibilidade e escolha pelos entrevistados, mantendo um padrão no que se refere ao protocolo de ética e passos relativos ao processo da entrevista observados por Carla Leitão (2021). Tratou-se de um estudo predominantemente qualitativo, baseado na Análise do discurso (individual-social) (Orlandi, 2001), buscando distinguir “configurações” complexas (representações) (Galindo Cárceres, 1997; Geertz, 1989). Do conjunto das autonarrativas produzidas com os cinco colaboradores da pesquisa, destacamos sete “categorias etnográficas” emergentes, que conformam em mosaicos representações (Moscovici, 2003; Chartier, 1988) de operários têxteis da Covilhã, a saber: o trabalho (a condição operária), a pobreza, as relações familiares, as relações de vizinhança, a chefia, o saber, e a sociabilidade-cooperação, sendo, neste escrito, destacada esta última categoria.

Um percurso analítico entre a comunicação e a cultura: em busca do *comum*

Ao considerar que a própria sociedade se refere à interação e reciprocidade das ações entre os indivíduos, para Simmel (1983), o impulso da sociabilidade se constituiria como um *a priori* que perpassa ontologicamente todas as relações sociais, na forma de um valor que envolve a satisfação lúdica do indivíduo pelo próprio fato de estar associado a outro: “Seu alvo não é nada além do sucesso do momento sociável e, quando muito, da lembrança dele”. (Simmel, 1983, p. 170).

A sociabilidade descrita nas autonarrativas produzidas no estudo aqui apresentado é uma forma lúdica de forças éticas que giram em torno do trabalho ou da condição operária (Bosi, 1996; Weil, 1996). Refere-se, portanto, a uma ética do trabalho, ou ao sentido do trabalho e do esforço que cada um faz por si para que seus benefícios se realizem por todos. Trechos da entrevista com a Sra. Capitolina, 76 anos, operária reformada, que trabalhou nos lanifícios dos 14 anos até a gravidez (sétimo mês) do seu primeiro filho, e na ativa entre as décadas de 60 e 70, expressam, entre vários aspectos, as dificuldades relativas às difíceis condições de vida e de trabalho que levavam ao companheirismo e à cooperação com as demais mulheres com as quais partilhava a vida de operária.

Elementos assemelhados, embora mais ampliados a uma ideia de classe social, também são encontrados na autonarrativa da Sra. Ceu, 73 anos, operária reformada, que trabalhou nos lanifícios “Dos 13 [anos] aos trinta e tal”. Esta autonarrativa descreve o longo trajeto de 14 quilômetros percorridos a pé para o acesso ao trabalho, o dia a dia na fábrica, as estratégias de controle da produção implementadas pelos chefes (“mestres”), que também se configurava como um controle dos corpos das mulheres operárias. “[...]. Foi no tempo do fascismo. Era muita exigência. Queriam que a gente trabalhasse muito e o corpo não dava para mais. [...] Depois começou a haver as greves [de zelo]. [...] os sindicatos que nos protegiam [...].” (Sra. Ceu, 2023, informação verbal).

Configurações de certa sociabilidade no ambiente da fábrica são também referidas nas memórias do Sr. Antunes, 87 anos, que trabalhou em fábricas de tecidos dos 11 aos 57 anos. Este último dos operários reformados entrevistados em colaboração à pesquisa, menciona haver construído nos locais de trabalho, no decorrer dos anos, o que denomina de “amizades puras”, referindo-se com saudosismo à confiança e consideração recíproca dos companheiros de trabalho, cujos laços de sociabilidade se estenderam ao longo da sua vida e na dimensão pessoal.

Em comparação, nas autonarrativas dos operários ainda em atividade nas fábricas, desaparecem os traços de sociabilidade. Assim o Sr. J.S. 43 anos, operário desde 2017 menciona não interagir na fábrica, com os demais trabalhadores, além do diálogo que se requer para um suporte mínimo necessário à realização do trabalho. Em complemento ao panorama de insociabilidade no contemporâneo das fábricas, a Sra. Cremilde, 57 anos, operária desde os 18 anos, menciona o “mau ambiente da fábrica” que levou o seu marido à aposentadoria precoce, com perdas salariais, que a sua própria experiência naquele ambiente: “[...]. [hoje em dia, no ambiente da fábrica] é falsidade, muita falsidade, [...] pessoas que só sabem falar mal”. (Sra. Cremilde, 2023, informação verbal)

Mais recentemente, Richard Sennett defende uma ideia semelhante à da sociabilidade de Simmel quando discute os processos de inclusão social no mundo do trabalho. Especialmente no livro intitulado “Juntos: rituais, prazeres e política de cooperação”, explora a cooperação como uma difícil habilidade dialógica que requer dos indivíduos a “capacidade de compreender-se mutuamente e de responder às necessidades dos outros com a finalidade de atuar conjuntamente, [...]” (Sennett, 2012, p. 10, tradução nossa). Para este autor, esta capacidade, todavia, tem sido debilitada na sociedade

moderna, em razão tanto da acentuação da desigualdade socioeconômica, quanto das transformações do mundo do trabalho, implicando na diminuição do desejo e da capacidade dos sujeitos modernos cooperarem com os demais. Por outro lado, a superficialidade das relações laborais impacta as relações sociais. "Os indivíduos se fecham consigo mesmos, não se implicam em problemas alheios à sua ocupação imediata e muito menos com aqueles que fazem coisas diferentes na mesma instituição." (Sennett, 2012, p. 21 e 22, tradução nossa).

São expressões dessa superficialidade e indiferença que distinguem as narrativas dos operários ainda na ativa, daquelas dos operários reformados, na perspectiva da sociabilidade e cooperação no âmbito do trabalho, mas especialmente na forma mais ampliada de um processo de encontro entre singularidades, configurado “por um tipo de laço comunitário”: a “ideia antiga e dialógica de *communicatio*”. (Sodré, 2014, p. 147). "Essa predisposição [à sociabilidade] redundava propriamente na comunicação – também não como transmissão de informações, portanto, não como uma dimensão secundária ou psicossociológica do comportamento, mas como o imperativo estrutural de tornar comuns as diferenças ou de unir os opostos que, em sua dinâmica, fazem circular a *philia*." (Sodré, 2014, p. 152)

O território simbólico do *comum* nas autonarrativas conformam as representações operárias em suas expressões de sociabilidade, tendo a fábrica como “espaço concreto deste comum” (Sodré, 2014, p. 166). O “encontro” que se dá concretamente, mas também simbolicamente, é demonstrado nas autonarrativas discursivamente, quando o pronome nós é acionado para dizer de reciprocidades; parte-se da noção de um “eu” “com” “outro/tu” que é constitutivo cultural. “O sujeito da cultura seria, assim, um sujeito da memória (de sua inserção específica no mundo) e da promessa, no sentido de sua fidelidade ou sua vinculação a um mundo em comum. Seria, portanto, um sujeito político” (Sodré, 2014, p. 166)

A passagem do discurso dual à relação discursiva ampliada na esfera pública “como um espaço cultural” se apoia em “instituições literárias, arenas de debate e meios editoriais, além da imprensa como ‘agente promotor de cultura’.” (Sodré, 2014, p. 162), portanto, locais de persuasão e discussão que visibilizem temas. Logo, é possível valer-se de pesquisas e eventos científicos para a reverberação destas representações operárias, que sob o efeito do trabalho da memória nos fazem recordar da sociabilidade e cooperação

quando marcas de um tempo deixado para trás em nome da lógica moderna pautada na individualidade, superficialidade e velocidade *do fazer* humano.

Concluindo, neste escrito, buscamos visibilizar memórias e representações sociais de operários têxteis da Covilhã numa perspectiva de resgate do *comum* na forma de sociabilidade e práticas de cooperação que investiam a condição operária daqueles sujeitos. Referimos o passado e o presente; o material e o simbólico; a relevância das memórias e autonarrativas na constituição do patrimônio imaterial cultural e da contribuição deste para potencializar *o encontro de singularidades* nas ações do presente, democratizando o campo da comunicação e da cultura, com possíveis reflexos no planejamento e nas ações da municipalidade da Covilhã.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Ecléa Bosi. **Memória e Sociedade**: Lembranças dos velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1988.
- COCCHI, Ricardo. **Antônio Riço**: um operário iluminado. In. Revista Desassossego, 13(26), jul/dez 2021. pp. 107-127.
<https://www.revistas.usp.br/desassossego/article/view/184548/179185> Acesso em 03/12/2022.
- GALINDO CÁCERES, Luis Jesús. **Sabor a ti**: metodologia cualitativa em investigación social. Xalapa, Ver.: Universidad Veracruzana, 1997
- GEERTZ, Clifford. **El antropólogo como autor**. Barcelona: Paidós Studio, 1989.
- HABERMAS, Jürgen. **Direito e democracia**: entre facticidade e validade. v. II. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.
- LEITÃO, Carla. A entrevista como instrumento de pesquisa científica: planejamento, execução e análise. (capítulo 7 do livro). In: PIMENTEL, Mariano; SANTOS, Edméa. (Org.) **Metodologia de pesquisa científica em Informática na Educação**: abordagem qualitativa. Porto Alegre: SBC, 2021. (Série Metodologia de Pesquisa em Informática na Educação, v. 3) Disponível em: <https://metodologia.ceie-br.org/livro-3/> Acesso em out. de 2023.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**. Investigações em psicologia social. Petrópolis, Vozes, 2003
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 3ª ed. 2001.
- SENNETT, Richard. **Juntos**: Rituales, placeres y política de cooperación. Barcelona: Editora Anagrama, 2012.
- SIMMEL, Georg. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. In. MORAES FILHO, Evaristo de (Org.). **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.
- SODRÉ, Muniz. A organização do comum. In. SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum**: notas para o método comunicacional. Petrópolis: Vozes, 2014. pp. 143 - 237
- WEIL, Simone. A condição operária. In. BOSI, Ecléa (Org.) Simone Weil: **A condição operária e outros estudos sobre a opressão**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 75-176.